

**VERTENTES DA EDUCAÇÃO COMO PODEMOS PENSÁ-LA? RESUMO CRÍTICO
DO LIVRO DOCUMENTOS E IDENTIDADE**

Resenha do livro Uma introdução às teorias do currículo. SILVA, Tomas Tadeus, 2ª. ed, 9º. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 156p.

Marcos Aurélio Trindade- (Filósofo)

Introdução: das teorias do currículo

A evolução que tiveram as teorias sobre o currículo ao longo do tempo inicia-se pelo próprio termo “currículum” que recebe sua influência da literatura educativa norte-americana. Nesse tipo de escritos, como por exemplo, “The currículum”, o livro que Bobbit escreveu em 1918, o currículo é designado como um campo especializado de estudos que pretende responder a questões cruciais desse momento da história norte americana onde as forças econômicas, políticas e culturais tentavam moldar os objetivos e formas da educação padronizada.

As teorias tradicionais

Nesse sentido, Bobbit propunha que a escola funcionasse da mesma forma que uma empresa, queria que o sistema educativo fosse capaz de especificar os resultados que pretendia conseguir e que fixasse os métodos e formas de medição em forma precisa. Este enfoque evoluiu para postulados tecnicistas que se expõem nos discursos das novas reformas educativas, onde se percebem modos de gestão gerencial baseados em princípios eficazes e tecno produtivos que aspiram à ascensão social apoiado na tese da eficácia e a competitividade.

É a aceitação, o ajuste, a adaptação, o dominante, já que está mais preocupado pela maneira de realizar a educação. É um olhar desde a organização, que se apresenta como neutro, científico, desinteressado e técnica. Os estudantes devem ser processados como um produto, especificando objetivos, procedimentos e métodos para a obtenção

de resultados que possam ser medidos com precisão, em forma de um condutismo educativo.

Assim se formulam suas categorias teóricas como objetivos, eficácia, metodologia, didática, organização, planejamento o ensino-aprendizagem, avaliação, a orientação dada por Bobbit dominou as vertentes educacionais do século XX.

Onde a crítica começa

O currículo como processo educativo que se está desenvolvendo num contexto particular de ensino. Esta ideia de currículo trata de superar a desconexão e frequente ruptura entre as previsões (o que se programa, o que se pretende fazer, etc.) e o que realmente se faz: há um currículo formal (nominal, teórico) e um currículo real (o que professores e alunos fazem em classe à margem de que fosse o que estava previsto ou se deveria fazer).

A questão fundamental está não no que o currículo formal é, senão em como se usa. Noções como contexto de desenvolvimento curricular, dinâmica ideográfica da aula e finalidade dos processos instrutivos, ecologia curricular, princípios de procedimento (por contraposição a predeterminação de resultados a atingir), currículo oculto, etc. constituem os eixos organizados desta reflexão, neste caso um currículo baseado na investigação sistemática.

Portanto o currículo deve refletir algo mais que intenções e promover uma reflexão coletiva com relação aos propósitos da prática educativa, onde se interpretam com maior precisão a tensão existente entre as intenções do currículo formal e o currículo real.

Os reconceitualistas

No entanto deveu competir com a proposta progressista de John Dewey que estava mais preocupado da formação democrática dos estudantes em liberdade que da preparação para a vida trabalhista deles. Apesar do olhar libertador de Dewey, o modelo

proposto por Bobbit teve maior aceitação já que em 1949 consolida-se em mãos de Ralph Tyler postulando que o currículo se estabeleça em torno da idéia de organização e desenvolvimento. Este autor agrega que os objetivos devem ser claramente definidos e estabelecidos para conseguir as aprendizagens desejadas. Conquanto seja verdadeiro estes modelos tecnocráticos tem muitas deficiências quanto ao seu olhar, têm elementos que se deve resgatar como é o tema da proposta de objetivos, algo fundamental no processo ensino-aprendizagem.

Estes modelos constituem a via para começar a sentar as bases para que nasçam as reflexões em torno do currículo já que surgem como contrapartida do currículo clássico. Até aí a reflexão do autor gira em torno das teorias tradicionais do currículo para dar passo depois aos postulados críticos (década de 1970) encarnados por autores como Paulo freire, Bernstein entre outros.

Estas teorias críticas desconfiam do status quo, responsabilizando-o das desigualdades e injustiças sociais, nesse sentido pretendem ser transformadoras da realidade e se focam em que o currículo faz e não em como fazer o currículo.

No caso de Althusser as idéias baseiam-se no conceito de ideologia. Para ele a escola atua ideologicamente por meio do currículo, atuando de maneira diferenciadora e gerando desigualdades de classes.

“a escola contribui a reproduzir a sociedade capitalista, ao transmitir, através das matéria escolares, as crenças que nos fazem ver a ordem social existente como bom e desejável”

Nesse sentido a escola contribui a este processo através da funcionalidade das relações sociais dos postos de trabalho. Situação que atualmente se evidencia na sociedade. Esta dinâmica de reprodução social também é abordada por Bourdie e Passeron, mas desde uma perspectiva de reprodução cultural onde a cultura dominante

garante a reprodução da sociedade através da aceitação de seus gostos, valores e hábitos.

Nesta perspectiva crítica, o conceito de teoria deriva ao de discurso ou texto, na medida que suas representações da “realidade” (como é e como deveria ser) têm “efeitos de realidade”. o objeto descrito é inseparável de sua descrição. O discurso sobre o currículo cria uma ideia particular de currículo.

É precisamente o outro pressuposto básico para compreender o papel da escola (e muito especialmente o da escola pública), o que nos leva a afirmar que esta deixou de ser interpretável só como espaço de reprodução ideológica e social, para se transformar num possível palco de crítica e resistência contra hegemônica.

Assim, as garantias institucionais da possibilidade de uma cultura democrática, de uma reconstrução e expressão da própria identidade e de poder compartilhar e interagir as crenças e valores, estão ao menos, possibilitadas e recolhidas na escola pública. Escola cuja qualidade terá seu papel na medida em que recolha o sentido realmente educativo, em si mesmo, isto é, o desenvolvimento de uma cidadania crítica. Deve a escola considerar essas realidades complexas, essas problemáticas mencionadas acima, e esses atores que estão atuando nelas, e que conformam uma dimensão importante da realidade em que nos desenvolvemos? Deve a escola optar por constituir-se nesse espaço crítico, de intercâmbio, debate e reconstrução cultural alternativo?

Pedagogia do oprimido e reprodução cultural de Bernstein

Segundo o sociólogo Bernstein o currículo define o que conta como conhecimento válido, a pedagogia define o que conta como transmissão válida do conhecimento, e a avaliação define o que conta como realização válida desse conhecimento por parte de quem é ensinado.

Nesse sentido parece interessante destacar a distinção que realiza Bernstein entre currículo tipo coleção e o integrado. No primeiro as áreas e os campos de

conhecimento mantêm-se isolados, separados. No segundo, ao contrário, as distinções entre as diferentes áreas do conhecimento são muito menos nítidas e centram-se num princípio englobador ao qual se subordinam todas as áreas que o compõem. Disto se desprende que quanto maior seja o isolamento, maior é a classificação existente no currículo, o que gera separação e controle através do poder que provoca a transmissão de conhecimentos isolados.

Quem escondeu o currículo oculto?

Por fim, o autor se refere ao currículo oculto o qual está constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial explícito, contribuem, de forma implícita às aprendizagens sociais relevantes. Este currículo oculto rara vez torna-se explícito porque não está no papel, não tem a ver com conteúdos, mas que se percebe nas atitudes, comportamentos, valores e orientações permitindo que os estudantes se ajustem à estrutura e ao modelo que quer promover o estabelecimento educacional onde se encontram.

Este currículo oculto é um micro ecossistema de ensinamentos encobertos, de critérios não declarados explicitamente, por assim o chamar corresponde ao momento atual; Daí a presença de um currículo oculto, através da comunicação não verbal, das linguagens implícitas, dos sonhos e desejos na prática nas aulas.

Ficam implícitos os ideais e aspirações dos outros códigos curriculares, há um grande controle estatal do próprio currículo e encarrega-se a especialistas, tecnólogos curriculares, a questão fundamental: a seleção e organização de conteúdos, apresentando-os aos professores e aos estudantes como um assunto neutro.

A sociologia da educação

A análise do currículo oculto transformou-se numa categoria polêmica, pois está sujeito ao nível de reflexão individual e coletiva com que aborde o mesmo, dependendo da visão sócio antropológica que se tem da escola e da educação, constitui uma

ferramenta valiosa de investigação qualitativa que permite descrever o modo de operar da escola como instituição social.

O discurso pedagógico crítico supõe uma tentativa de compressão do mundo e de transformação da realidade. Falar de conscientização no sentido que Paulo Freire e outros educadores, significa uma educação como um ato de conhecimento e um processo de ação transformadora sobre a realidade; assim a ação educativa é essencialmente uma ação transformadora, uma ação comprometida e o papel da educação é estratégico neste mundo rasgado por conflitos e injustiças.

O currículo como política cultural na visão de Giroux

Frente a esta nova complexidade, é cada vez mais urgente um trabalho crítico que permita análise e dê ferramentas de entendimento. Nunca como agora foi necessária uma educação para a neo alfabetização (no sentido no qual formula Giroux formula) e a descodificação da informação, as linguagens utilizadas e seus códigos simbólicos: nunca como agora os educadores críticos, têm adiante o desafio de educar para conscientizar e transformar.

Referência:

Silva, Tomaz Tadeu Cia. Documentos de identidade: **Uma introdução às teorias do currículo** / Tomas Tadeus da Silva, - 2 ed, 9º reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 156p.